

A vida em uma cidade a ser estruturada

Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

No início de Brasília muitas mulheres vieram para a nova capital acompanhando os maridos. Com o pioneiro Adriano Magalhães Freire deu-se exatamente o contrário: foi ele quem veio para o Planalto Central acompanhando sua primeira esposa, Ely Santos Freire. “Durante algum tempo fui marido de professora”, lembra, às gargalhadas, Adriano Freire.

Ele veio para cá com a cidade recém-inaugurada, em maio de 1960, poucos meses depois de ter se formado em odontologia no Rio de Janeiro, onde morava. “Ely foi aprovada no concurso para professora da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb) e achamos que mudar para Brasília poderia ser uma ótima oportunidade para a nossa família”, explica o cirurgião-dentista. Na época, seus dois filhos mais velhos ainda eram pequenos.

Além de representar crescimento profissional para Ely, a vinda para Brasília era uma opção para que o jovem Adriano fugisse dos ânimos exaltados da política carioca. “Sempre fui militante político e cheguei a ser preso algumas vezes. Se

na vida de um civil isso era um problema, imagine na minha, que na época era militar”, afirma. Brasília acabou, portanto, sendo uma solução e não um problema para esse pioneiro que não se deu por vencido e continuou a fazer manifestações políticas contra as ações governamentais com as quais não concordava.

O pioneiro conta que em Brasília a polícia era menos violenta

e atribui isso à política aplicada por Juscelino Kubitschek. “O presidente era democrata até mesmo com seus adversários e perdoou todos eles”, lembra, ressaltando que as coisas só foram piorar por aqui com o governo militar, a partir de 1964.

Outra dificuldade encarada por Adriano foi conseguir um local para a instalação do seu consultório. “Não havia salas ou lojas para alugar e, como não

conhecia ninguém da área na cidade, era quase impossível conseguir a instalação do consultório no Plano Piloto de Brasília”, afirma. Alguns meses depois de muita procura, Adriano acabou firmando um convênio com a Novacap, com a ajuda de Ernesto Silva. “O acordo era o seguinte: eu atendia os funcionários da Novacap em casos de urgência e, em troca, poderia receber ali meus pacientes

particulares”, explica. Naquela época, os tais clientes particulares eram professores, colegas da esposa, e os funcionários da Novacap, que, mesmo sem emergência, acabavam passando a se



ADRIANO (D) COM OS DOIS FILHOS, A IRMÃ E OS FUTUROS CUNHADOS EM FRENTE AO PALÁCIO DO PLANALTO

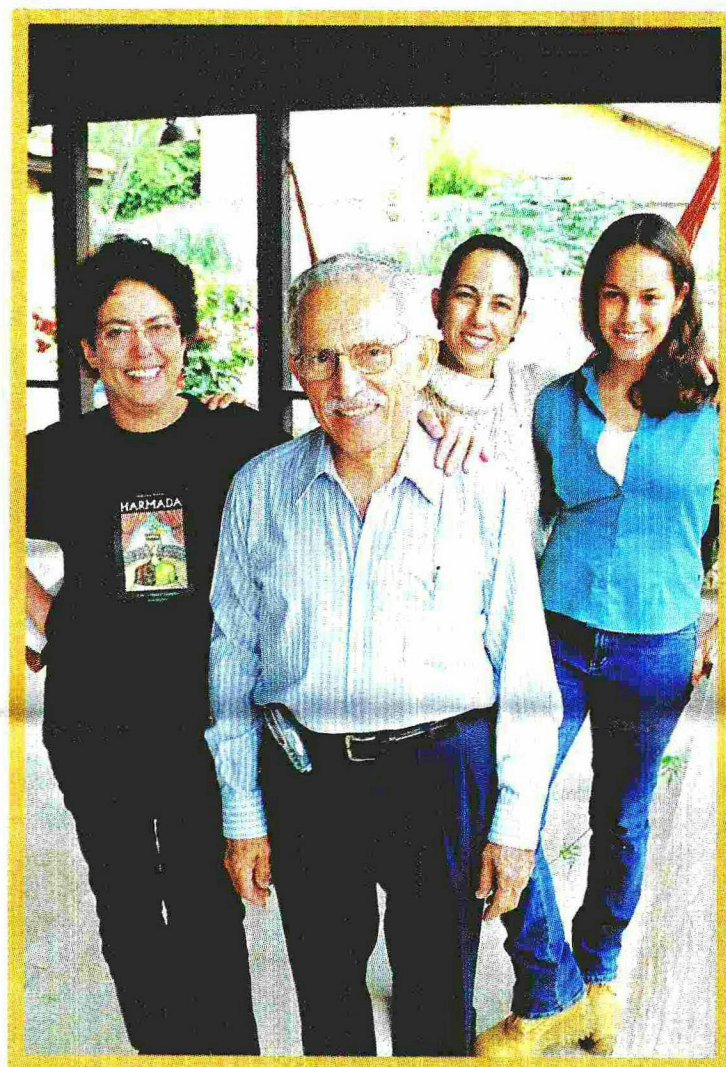
Formado em Odontologia no Rio de Janeiro, o pioneiro chegou a Brasília em maio de 1960, acompanhando sua primeira esposa, que vinha trabalhar no Caseb

tratar com ele ali mesmo, onde hoje funciona o Posto de Saúde nº 1, na 508 Sul. “Era mais fácil para muitos deles porque meu consultório era um dos poucos no Plano Piloto”, explica.

Passado algum tempo, a maré foi soprando a favor do cirurgião dentista e ele se instalou no Conjunto Nacional, local que hoje abriga cerca de 300 colegas de Adriano. Além da instalação, o material também era um problema, pois no meio do cerrado não havia lojas para comprar o necessário para se montar e manter um consultório odontológico. As opções eram o Boticão Pioneiro, loja improvisada no Núcleo Bandeirante, ou apelar para os vendedores ambulantes. “Comprávamos em kombis que vinham de Uberaba para nos vender material”, lembra, acrescentando que também “havia uma troca, um intercâmbio muito grande entre os profissionais da área.”

Associação

A veia política de Adriano continuava pulsando e seu primeiro ato foi ingressar na Associação Odontológica de Brasília, fundada três anos antes por um pequeno grupo de dentistas liderados por Gustavo Dermeval da Fonseca e Eptácio Gomes Ferreira, o primeiro cirurgião-dentista a instalar seu consultório na Cidade Livre. Quatro anos mais tarde, a Associação Odontológica de Brasília foi transformada em Associação Brasileira de Odontologia - Seção do Distrito Federal, sendo bem marcada a participação de Adriano no episódio. Pouco depois, Adriano foi eleito para a presidência da ABO-DF, tendo



ADRIANO COM A FAMÍLIA: EM BRASÍLIA, O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL COMO DENTISTA

sido reeleito para mais quatro biênios. Ele foi também um dos organizadores e o primeiro presidente do Conselho Regional de Odontologia do DF, tendo sido reeleito várias vezes para o cargo. Exerceu também o cargo de Presidente do Conselho Federal de Odontologia e, nessa condição, foi responsável pela elaboração do projeto de regulamentação de lei que criou os Conselhos Federal e Regionais de Odontologia, que foi por ele entregue ao Ministro da Saúde de então, e que acabou sancionado pelo presidente Emílio Médici, sem alterações. Logo eu, que era totalmente contra a ditadura”, diz.

Ao chegar a Brasília, menos

de um mês depois da inauguração, Adriano ainda achou uma cidade a ser estruturada. “A impressão é que estávamos sempre em uma cidade nova, pois de manhã tinha sempre uma novidade nas ruas quando saíamos para trabalhar”, recorda. O pioneiro define a Brasília de 1960 como uma cidade “bonita, mas com muitas dificuldades”. A moradia era uma delas. Mas como Dona Ely era professora, o problema pôde ser parcialmente resolvido. “Eu era clandestino. Minha esposa tinha direito a um quarto em um alojamento que dividiria com outras colegas. A nossa sorte é que elas foram compreensivas e deixaram que a família ocupasse um dos

cômodos do alojamento enquanto as outras professoras dividiam o outro”, conta. Adriano morou dessa maneira até se separar de Dona Ely, quando ele foi morar em um apartamento do IAPI, onde já trabalhava e onde conheceu sua atual esposa, Neusa Pires Amado, com quem tem sua filha caçula, Érika, nascida em Brasília.

Quem também (re)nasceu em Brasília foi Adriano. “A decisão de vir para cá foi muito acertada e fez de mim uma pessoa realizada”, afirma o pioneiro nascido em Paracatu, mas desde 1998 é considerado Cidadão Honorário de Brasília. Isso no papel, porque no coração Adriano garante que é brasiliense desde 1960.

“A IMPRESSÃO É QUE ESTÁVAMOS SEMPRE EM UMA CIDADE NOVA, POIS DE MANHÃ TINHA SEMPRE UMA NOVIDADE NAS RUAS QUANDO SAÍAMOS PARA TRABALHAR”

Raio X

Nome: Adriano Magalhães Freire
Idade: 71 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Cirurgião-dentista
Estado civil: Desquitado de Ely Santos Freire
Atual esposa: Neusa Pires Amado
Filhos: Ricardo e Maria Elisa (1º casamento) e Érika (2º casamento)
Netos: Maria Rita, Elisa, Leonardo, Branca, Alice e Natalie.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiaviccini, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL